



*“Não se deve servir vinho novo em jarros velhos.” Heinz Guderian. 1937*

## 1. INTRODUÇÃO

O Exército Brasileiro, já faz algum tempo, começou a questionar a necessidade de modernizar a sua forma de combater e a Infantaria Mecanizada apresentou-se como uma via mais eficiente para este fim.

Desde o início do ano 2000, a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército começou a estudar e a empregar a Brigada de Infantaria Mecanizada em seus temas escolares e nos projetos de pós-graduação. Em 2005, o Estado-Maior do Exército, realizou na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais um seminário destinado a debater a necessidade, a oportunidade e as medidas para criar uma nova estrutura para a Infantaria Brasileira.

O tempo passou, as ideias amadureceram e no corrente ano de 2010 foram, enfim, tomadas medidas institucionais para dar vida à Infantaria Mecanizada, por meio da criação das Bda Inf Mec, por transformação das Bda Inf Mtz já existentes no Exército Brasileiro.

Toda mudança exige esforço, provoca desconforto. Toda mudança exige adaptação. Toda mudança traz dúvidas, receios e ansiedades e a implantação da Infantaria Mecanizada no EB não será diferente. Desta maneira, este texto objetiva cooperar para o previsto nas diretrizes para a implantação da Inf Mec e alertar para aspectos básicos, mas relevantes no que diz respeito à organização, formação e meios desta nova estrutura de combate terrestre brasileira.

## 2. GENERALIDADES

A partir de 1996, a organização de novos sistemas de combate convencionais, no âmbito do Exército Brasileiro, passou a obedecer aos pressupostos das Instruções Provisórias 100-1 - Bases para a Modernização da Doutrina de Emprego da Força Terrestre (DOCTRINA DELTA). Segundo as IP 100-1, a guerra vem se transformando em uma atividade que envolve não somente a dimensão terrestre do combate, mas também iniciativa, agilidade, sincronização e capacidade de gerenciamento das informações.

A concepção geral da Doutrina Delta prevê que a campanha terrestre no Teto de Operações (TO) deverá ser conduzida ofensivamente, com grande ímpeto, buscando a decisão no menor prazo possível, com o mínimo de perdas para as nossas forças e assegurando as condições favoráveis para uma imediata negociação da paz. Neste contexto, a Inf Mec surge como um elemento capaz de proporcionar o poder de combate e proteção necessárias a atingir estas condições, graças à sua proteção blindada e poder de fogo.

A Doutrina Delta preconiza, ainda, que as operações deverão se desenvolver em um ambiente de combate continuado e não linear, com ênfase nas manobras desbordantes ou envolventes, visando a atuar sobre a retaguarda do inimigo para isolá-lo e privá-lo de manobrar. Esta postura é decorrente principalmente das características da AOC e do emprego de forças móveis. As forças blindadas e mecanizadas, graças à sua mobilidade tática e estratégica, terão participação importante, para que esta forma de combater se concretize da maneira concebida na Doutrina Delta.

Partindo desses princípios, a criação da Infantaria Mecanizada (Inf Mec) deve, desde a sua origem, estar alinhada aos desígnios da Doutrina Delta, atendendo aos seus pressupostos. Assim esta nova natureza da Infantaria será um elemento inovador na Doutrina Militar Terrestre e não somente um substituto para a Inf Mtz e para as suas missões.

A Inf Mec aumentará a capacidade da F Ter de realizar operações em profundidade com o objetivo de reduzir a flexibilidade do inimigo e sua resistência, dificultando a sua manobra. Possibilitará, juntamente com as tropas blindadas, a realização de ações simultâneas sobre os objetivos, tanto à frente, quanto à retaguarda das forças inimigas, colaborando para a condução do combate não linear. Além disso, graças aos seus meios, a Inf Mec terá condições de conduzir ações próximas à linha de contato e em toda a profundidade do campo de batalha.

Entretanto, para que isto ocorra, é necessário que a base doutrinária e as Condicionantes Doutrinárias e Operacionais (CONDOP) de seus meios orgânicos estejam em acordo com as capacidades necessárias e desejáveis ao desempenho do previsto nas IP 100-1 e também no C 100-5 – Operações. E como isto poderá ser concretizado?



**Autor: ALEX ALEXANDRE DE MESQUITA – Maj**

Oficial de Cavalaria da turma de 1992.

Atualmente desempenha a função de Adjunto da Assessoria de Doutrina do DECEX

### 3. CINCO IDEIAS PROVOCANTES SOBRE A DE INFANTARIA MECANIZADA

#### a. Infantaria Mecanizada – uma inovação na Doutrina Militar Terrestre

Para iniciar qualquer estudo doutrinário sobre uma nova estrutura de combate é importante valer-se das referências exitosas. Ao tratar da Bda Inf Mec, na maioria das vezes, esta referência recai sobre a **Stryker Brigade Combat Team**, do Exército dos Estados Unidos da América. Este novo tipo de elemento de combate surgiu da necessidade daquele Exército possuir uma força intermediária entre as forças leves e as forças pesadas, com capacidade de desdobrar-se rapidamente em qualquer lugar do globo terrestre. Posteriormente, as **Interim Brigades** seriam o núcleo para a denominada **Objective Force**. Assim, inspirar-se somente neste modelo pode gerar a criação de um elemento de combate dissociado nas necessidades do EB.

A oportunidade de organizar a Inf Mec é a mesma com que se depararam os Exércitos da França, Inglaterra e Alemanha, no final da I Guerra Mundial, com o surgimento do carro de combate. Guderian, em *Achtung, Panzer!*, mais uma vez, alerta para a necessidade de determinar objetivos e desafios novos às novas organizações concebidas:

“[...] Quando, porém, uma Arma ou Serviço está em desenvolvimento, a tarefa fundamental é não acompanhar a opinião corrente, passageira: ao contrário, é importante preservar certo distanciamento dos humores e tendências do momento. [...] **Para responder a tais demandas é vital estabelecer um objetivo básico para as tropas blindadas** (grifo nosso). São elas destinadas a invadir fortificações e posições defensivas ou executar envoltimentos operacionais e desbordamentos em campo aberto?” Guderian Heinz. *Achtung Panzer*. BIBLIEx. Ed. 2009. p. 209.

O advento da Inf Mec no Exército Brasileiro deve ser entendido como uma modernização no processo de condução do combate, no que diz respeito aos meios disponíveis para a batalha. A Inf Mec deve ser um novo instrumento de combate. Não deve ser concebida como uma mera substituta da Inf Mtz. À Inf Mec devem ser atribuídas missões que vão além das capacidades da Inf Mtz, a individualizando como um elemento único no campo de batalha. Esta afirmação fundamenta-se, dentre outros conceitos, na opinião de Heinz Guderian, idealizador das Divisões Panzer alemãs:

“[...] No entanto, não há controvérsia quanto à convicção de que novas armas exigem novas maneiras de combater, organização e táticas adequadas. **Não se deve servir vinho novo em jarros velhos** (grifo nosso).” Guderian Heinz. *Achtung Panzer*. BIBLIEx. Ed. 2009. p. 263.

Dentro deste raciocínio, é possível sugerir os seguintes aperfeiçoamentos às missões e possibilidades da Inf Mec:

#### 1. MISSÕES

.....  
c. **Conduzir operações altamente móveis, particularmente ofensivas, através de estradas e, com restrições, através campo.**  
.....

#### 5. POSSIBILIDADES

a. Realizar ações que exijam alta mobilidade tática, (**relativa**) potência de fogo, proteção blindada e ação de choque.  
.....

t. **Conduzir operações militares em ambiente urbano.**

r. **Combater embarcado**

**ALEX - Maj Cav - DECEX**

---

1 Inicialmente designada como Interim Brigade.  
2 A batalha consiste numa série de combates relacionados e próximos no tempo e no espaço. É travada no nível tático. C 100-5. p. 3-14.

## **b. Uma Brigada poderosa com meios modernos**

A respeito das alterações referentes às Possibilidades e Missões, pode-se dizer que a potência de fogo dos elementos de manobra da Bda Inf Mec equivale à da Bda Bld, no que se refere aos CC e é superior, no que se refere às Vtr dos Fuz (os detalhes referentes a estes meios estão discriminados nas CONDOP - Port Nr 092 – EME – RES, de 31 AGO 10).

Contudo, a sugestão de alteração passa, obrigatoriamente, pela organização proposta para a Bda, uma GU quaternária, com 03 Btl Inf Mec, 01 RCC e 01 Esqd C Mec; como elementos de manobra e 01 GAC AP, 01 BE Cmb Mec, 01 B Log Mec, 01 Cia AC AP, 01 Cia AAe Mec, 01 Cia Com Mec, 01 Cia Cmdo e 01 Pel PE, como elementos de apoio ao combate e apoio logístico. Para realmente garantir que a Bda cumpra as suas missões e possua as características desejáveis de um elemento moderno de combate terrestre, os seus apoios devem estar adequados às suas necessidades.

A possibilidade de organizar as suas unidades em Forças Tarefas garante à Bda Inf Mec a flexibilidade necessária para atuar em diversos ambientes, principalmente naqueles que exigem o poder de fogo dos carros de combate, a proteção aproximada e a capacidade de manutenção do terreno inerente aos fuzileiros. Tudo privilegiando o princípio da sinergia, reduzindo deficiências e incrementando as capacidades. Estas ideias servem para reforçar a viabilidade de emprego da brigada em ambiente urbano

É de suma importância esclarecer aspectos de relevo que determinam a capacidade do cumprimento das missões elencadas. Sugere-se, por exemplo, que o GAC AP seja dotado de material 155 mm. Esta necessidade está relacionada ao desdobramento da Bda em frentes, profundidades e velocidades maiores do que a Bda Inf Mtz. Com este material (alcance e calibre), a Artilharia poderá prestar o apoio de fogo mínimo à Bda, atendendo ao Fundamento da Organização para o Combate da Artilharia denominado **Apoio de fogo adequado aos elementos de manobra empregados**.

Continuando a tratar do material destinado a mobiliar as frações da Bda Inf Mec, deve-se abordar as Condicionantes Doutrinárias e Operacionais (CONDOP) da Nova Família de Blindados de Rodas (NFBR) do EB, que fornecerá as plataformas de combate aos sistemas da nova Bda. O RCC da Bda deverá possuir meios que realmente permitam o seu emprego como um elemento de manobra eficaz. As atuais CONDOP não relacionam qual será a Vtr que integrará os RCC SR, uma vez que não há a previsão de uma Vtr Bld CC SR. A VBR-Me Rd, destinada às tropas de Cav Mec pode ser esta plataforma, graças às suas características.

Tratando da Vtr destinada aos Fuz dos BI Mec, está prevista uma VBTP – Me, dotada de Can 30 mm ou Mtr P. Com o primeiro armamento, o GC transportado poderá participar do assalto embarcado, uma vez que o rendimento do armamento (alcance e poder de destruição) permitirá o engajamento de alvos a grande distâncias, submetendo-os a uma grande cadência de tiro de munição capaz de destruir inimigo com blindagem superior à nossa própria Vtr. Contudo, a blindagem da Vtr não a credencia como uma Viatura de Combate.

Dotar a VBTP com Mtr P mantém o poder de combate dos fuzileiros no atual patamar. O engajamento do inimigo será realizado sem a necessária precisão, o GC não terá o poder de destruição ideal e nem o alcance necessário para superar o inimigo. A plataforma equipada desta forma não apresenta a desejável e necessária inovação da doutrina e na forma de combater da Força Terrestre.

Apontando para as demais estruturas da Bda Inf Mec, as CONDOP aprovadas deixam de particularizar uma VBE Eng que mobiliará o BE Cmb Mec. As CONDOP consideram que a VBE Soc tem condições de cumprir esta missão. Embora as CONDOP registrem que a Engenharia será pouco utilizada se o peso das Vtr for reduzido, esta conclusão pode estar eivada de engano, pois, durante o combate a atividades referentes à Mobilidade não se referem somente à trafegabilidade do solo ou à transposição de cursos d'água, mas também a abertura de passagem em obstáculos artificiais. Soma-se a isto as demandas referentes à Contra-mobilidade e à Proteção e tem-se a real noção da necessidade de uma VBE Eng.

**ALEX - Maj Cav - DECEX**

### c. O Sistema de Educação e Cultura do Exército e a implantação da Infantaria Mecanizada

Enfocando as diretrizes para a implantação, em caráter experimental, da Base Doutrinária de Brigada de Infantaria Mecanizada e de Batalhão de Infantaria Mecanizada, cumpre registrar algumas observações e sugestões. O Sistema de Educação e Cultura do Exército possui um bom histórico de estudo e emprego da Inf Mec, em particular pela ECEME. Este legado advém, principalmente, da aplicação de temas táticos e da pesquisa acadêmica de pós-graduação. Outro membro deste Sistema com boa experiência é o Centro de Instrução de Blindados. Esta vivência é oriunda, em particular, da pesquisa realizada por instrutores e monitores, participação em intercâmbios e realização de projetos interdisciplinares.

Assim sendo, é importante que integrantes do DECEX e, mais particularmente, dos Estabelecimentos de Ensino do EB participem da elaboração da Nota de Coordenação Doutrinária, da elaboração dos diversos QO e integrem a equipe responsável pela experimentação doutrinária. Com isto, as experiências anteriormente relatadas poderão contribuir de forma objetiva para a identificação de oportunidades de melhoria. Tudo isto com a finalidade de "identificar problemas e propor soluções para obter a melhor capacitação das Bda Inf Mec que vierem a ser criadas", conforme prevê a própria diretriz.

Valendo-se da experiência da ECEME, esta é uma excelente oportunidade para que os Estb Ens insiram, desde já, a Base Doutrinária de Bda Inf Mec nos seus PLADIS. Para as frações que ainda não dispõem de Base Doutrinária, sugere-se a utilização do QOEs empregado na ECEME, que detalha frações até o nível Pel. Esta medida é importante, pois permitirá a identificação de aprimoramentos que poderão ser aproveitados pelos demais participantes envolvidos no processo de implantação das frações da Bda Inf Mec.

### d. Combate embarcado – um novo paradigma para a Infantaria

O advento da Inf Mec proporcionará à Infantaria brasileira experimentar uma nova maneira de combater e instituir um moderno paradigma na sua doutrina de emprego: o **combate embarcado**. Ao dotar as frações de Inf Mec com uma Vtr dotada de canhão 30 mm, com a capacidade de atirar em movimento e engajar alvos com precisão a 2000 m, será possível aos fuzileiros reduzir as resistências em operações ofensivas e defensivas.

Contudo, esta não é uma prática comum ao infante brasileiro, que, formado basicamente na Infantaria Motorizada, acredita, na sua maioria, que o seu poder de combate está relacionado única e exclusivamente ao número de fuzis de que dispõe. Para aqueles que insistem neste antigo paradigma, apresento, novamente, as considerações de Guderian:

"É realístico esperar que esses homens, que se expõem durante a maior parte do tempo do combate, venham a lançar "tempestade" contra metralhadoras inimigas e ainda mostrar superioridade moral sobre defensores que estão atirando de seus abrigos? [...] É incrível que alguém ainda seja considerado herege por criticar a "vaca sagrada" do **poder de choque da infantaria, quando investe a baioneta** (grifo nosso)." Guderian. BIBLIEx. Ed. 2009. p. 250 e 251.

Mesmo aqueles que passaram a maior parte das suas vidas nos BIB, não experimentaram realmente o combate embarcado, uma vez que os M 113, armados com Mtr P, não possuem condições suficientes para possibilitar à Infantaria a condução do combate embarcado. A doutrina deverá ser revista e atualizada.

### e. Combate embarcado – um novo paradigma para o Infante

Combater embarcado está muito além de operar armas modernas e letais a partir da proteção de um veículo terrestre. Envolve uma percepção específica do campo de batalha, da forma com a participação de cada elemento influencia na vitória e relaciona-se à confiança que cada um tem no seu ala. A Cavalaria possui esta percepção bastante arraigada, fruto da formação. O Infante terá, também, que desenvolver estes atributos.

Em pesquisas informais realizadas com capitães de Infantaria, durante o Estágio Tático de Blindados, entre 2003 e 2006, era comum ouvir destes oficiais a dificuldade em comandar frações que não estavam dentro do seu campo visual, movendo-se rapidamente através campo. Os tenentes de Infantaria relatavam impressão semelhante, pois estavam acostumados a comandar seus GC em linha, ao alcance do comando de voz e à velocidade do homem a pé.

As escolas de formação terão mais este desafio, capacitar o infante do futuro a, também, combater embarcado e a entender que, a partir de agora, a sua viatura não é somente um transporte, mas um instrumento de combate que, se utilizado da forma correta, será eficaz e eficiente contra o inimigo enfrentado.

**ALEX - Maj Cav - DECEX**

#### 4. CONCLUSÃO

A criação da Inf Mec, sem dúvida alguma, é um passo de extrema importância no Processo de Transformação do EB, dentro do previsto pela END.

Este texto buscou destacar que a Inf Mec deve ser concebida em sua organização, preparo e emprego como um elemento novo no EB e, como tal, deve receber missões específicas, como um moderno elemento de combate. Simplesmente transformar a Inf Mtz em Inf Mec não representa avanço substancial para a Doutrina Militar Terrestre.

Os MEM que dotarão esta nova organização devem atender ao cumprimento das missões desta nova Infantaria, principalmente apresentando-lhe as reais possibilidades do combate embarcado, um “novo” paradigma que se apresenta aos Infantes brasileiros

Em suma, este texto pretendeu realçar as determinações já exaradas referentes à criação e implantação da Inf Mec, bem como o que diz respeito às CONDOP dos MEM previstos para dotar as diversas frações componentes desta GU, buscando determinar de que maneira ainda é possível contribuir de uma forma mais ampla para a consecução do projeto.

#### 5. REFERÊNCIAS

- *Estratégia Nacional de Defesa (END)*, aprovada pelo Decreto Nr 5.484, de 30 de junho de 2005.
- *Sistema de Planejamento do Exército/2008*, aprovado pela Port Nr 338 – Cmt Ex, de 26 de maio de 2008.
- *Estratégia Braço Forte* – 28 de maio de 2009.
- *Diretriz para a implantação do Processo de Transformação do Exército Brasileiro* – 10 de maio de 2010
- *Projetos prioritários da Estratégia Braço Forte para 2010 e constituição do grupo de trabalho inicial para a sua implantação*, aprovado pela Port Nr 099 – EME, de 27 de julho de 2010.
- *Base Doutrinária Experimental de Brigada de Infantaria Mecanizada*, aprovada em caráter experimental pela Port Nr 038 – EME - RES, de 8 de junho de 2010.
- *Base Doutrinária Experimental de Batalhão de Infantaria Mecanizada*, aprovada em caráter experimental pela Port Nr 039 – EME - RES, de 8 de junho de 2010.
- *Diretrizes para a implantação, em caráter experimental, da Base Doutrinária de Brigada de Infantaria Mecanizada e de Batalhão de Infantaria Mecanizada*, aprovada pela Port Nr 041 – EME - RES, de 9 de junho de 2010.
- *Condicionantes Doutrinárias e Operacionais Nr 02/10 da Nova Família de Blindados de Rodas do EB*, aprovadas pela Port Nr 092 – EME – RES, de 31 de agosto de 2010.
- *Manual de Campanha C 100-5 – Operações*. 3ª Ed 1997.
- *Manual de Campanha C 7-30 – Brigadas de Infantaria*. 1ª Ed 1984.
- *Manual de Campanha C 6-1 – Emprego da Artilharia de Campanha*. 3ª Ed 1997.
- *Manual de Campanha C 7-20 – Batalhões de Infantaria*. 3ª Ed 2003.
- *Instruções Provisórias 100-1 - Bases para a Modernização da Doutrina de Emprego da Força Terrestre (DOCTRINA DELTA)*. 1ª Ed 1996.
- *Achtung Panzer – O desenvolvimento de forças blindadas, suas táticas e poder operacional (1914-1937)* – Heinz Guderian. Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro. Ed. 2009.
- *Projeto Interdisciplinar do Centro de Instrução de Blindados General Walter Pires: proposta de Caderno de Instrução do Pelotão de Infantaria Mecanizado e proposta de constituição do GC do Pel Inf Mec*.
- *Stryker Brigade Combat Team* - <http://www.sbct.army.mil/>
- *Portal da Doutrina Militar Terrestre do Departamento de Educação e Cultura do Exército*.

**ALEX - Maj Cav - DECEX**